

NOSSA OPINIÃO

/// Disparada do dólar pressiona a inflação, eleva juros e afeta o consumo. O cenário requer ajuste fiscal e não apenas ações do BC

DÓLAR MUDA O CENÁRIO

O “novo dólar”, conforme expressão do ministro da Fazenda, Guido Mantega, começa a exigir das autoridades mais do que tem sido feito para reduzir a disparada na cotação.

Ontem, o Banco Central fez dois leilões de swap cambial (venda de dólares no mercado futuro), negociou em cada um cerca de US\$ 1 bilhão e, ainda assim, a moeda norte-americana fechou a R\$ 2,39, o maior valor desde 2009. Aumentou 5% só em agosto. No ano, quase 17%.

Esses resultados mostram a pouca potência das intervenções pontuais por meio de contratos futuros de câmbio. Sugerem que o Banco Central mude a estratégia e passe a atuar também no mercado à vista – onde a oferta de dólar tem sido pouca para frear a alta.

Os swaps são necessários, inclusive atendem às empresas que buscam proteção dos seus ativos em dólar, mas não impedem que os contratos sejam comprados por especuladores. Isso estaria ocorrendo em grandes proporções. As apostas do mercado financeiro para o dólar, em dezembro, variam de R\$ 2,45 a R\$ 2,70.

Esse cenário indica que está em curso a for-

“

EU DIGO QUE...

“A situação saiu de controle, comecei a ouvir disparos de fuzil. De repente, senti um leve tranco na cabeça”

Joel Silva

Repórter fotográfico brasileiro, relatando o momento em que foi atingido de raspão por uma bala durante os confrontos no Egito entre apoiadores e opositores do presidente deposto Mohammed Mursi

“Não vou fazer juízo de valor sobre essa questão da

Isabella Batalha Muniz

É arquiteta-urbanista e doutora em paisagem e ambiente

/// Não deu para entender: a supressão da praça seria para atender ao BRT ou à pequena melhoria do fluxo de acesso à Terceira Ponte?

Impasse na Cauê

O Gabinete Itinerante, em Vitória, é um bom instrumento de gestão participativa, entretanto a administração municipal não conseguiu sustentar argumentos que validassem a proposta de acabar com a Praça do Cauê. Como cidadã, moradora da região e arquiteta em defesa da memória e identidade da nossa cidade, participei da audiência e saí crédula que não há razoabilidade na proposição do redesenho da praça. Tem-se a impressão de uma verdadeira corrida de obstáculos:

1) dividir a praça em duas e aumentar sua área passando de 5.322 m² para 6.322 m². Nessa perspectiva, a praça transbordaria para as ruas laterais que a contornam? E como ficaria o acesso aos prédios? Segundo moradora presente à audiência, não há vagas de garagem suficientes e os moradores estacionam invariavelmente na rua.

2) Um arvoredo nos limites das praças para isolamento acústico. Sim, porque não é difícil imaginar um elevado nível de ruído ao lado de uma avenida de escala metropolitana por onde circulariam um sem número de carros; isso tornar-se-ia um impeditivo ao usufruto da praça seja para contemplação ou recreação. Uma mãe exporia seu filho a um espaço li-

mitado por este grande fluxo de veículos emitindo gases e ruídos? Nesse sentido, o prefeito fez referência da proposta ao Parque Trianon (SP) que, por sinal, é bem sinistro, justamente por ser fechado com um arvoredo que impede a visualização externa e provoca insegurança.

3) Um túnel subterrâneo para pedestres fazendo conexão entre as duas praças não sentença a probabilidade de delitos e assaltos? A proposta não se assimilaria a mais uma daquelas “praças /passagens” semelhantes às existentes no entorno da Rodoviária de Vitória, que só intimidam os transeuntes por causa do usuários de crack?

4) O desenho esboçado minimamente sem escalas e referenciais não favorecia o debate, e quem participou do Gabinete Itinerante saiu sem entender também como se dá a interlocução entre a praça e o projeto destinado ao transporte de massa – BRT –, seu itinerário e o ponto de inflexão para suprimi-la. Afinal a supressão da praça seria para atender ao BRT ou à pequena melhoria do fluxo de acesso à 3ª Ponte?

Paira a dúvida. Importante não perder de vista que a questão da democratização da gestão e do planejamento metropolitano é infinitamente mais profunda do que uma mera discussão acerca de proposições etéreas. Vamos tornar todos estes projetos públicos e exibi-los com destreza e precisão nas próximas audiências? Persiste o sentido de pertencimento do Cauê como praça centenária atrelada ao rigor da boa forma de Saturnino de Brito.